

Educação para a democracia o mais cedo possível: a importância da prática democrática no dia a dia

Sergio Fernandes Senna Pires²⁴

Angela Uchoa Branco²⁵

Palavras-chave: Educação para democracia; Protagonismo infanto-juvenil; Transformação cultural; Crenças e valores.

O principal propósito desse trabalho é explicitar os aspectos teóricos relevantes à elaboração e à realização de programas de educação para a democracia no sentido de enfrentar a invisibilidade infantojuvenil e promover o protagonismo de crianças e adolescentes o mais cedo possível e no dia a dia. Diversos estudos (SARMENTO, 2005; JUNIOR; QVORTRUP, 2017; POCAHY; OSWALD, 2018) apontam que, ainda hoje, a sociedade brasileira não valoriza a participação social das crianças e dos adolescentes, o que precisa ser enfrentado. Sobre esse assunto, Pires e Branco (2007, 2008, 2012) indicam que o desenvolvimento de novas práticas educacionais está na base para a transformação cultural e para o enfrentamento de práticas sociais preconceituosas. Nessa direção, a difusão de programas de educação para a democracia, em meio ao público infantojuvenil, contribui para a promoção do seu desenvolvimento, no contexto da desconstrução de crenças e valores preconceituosos. Esse tema vem, há tempos, sendo objeto da abordagem da psicologia cultural de orientação semiótica

24 Doutor em psicologia, pesquisador na Universidade de Brasília e consultor legislativo da Câmara dos Deputados.

25 Doutora em psicologia e pesquisadora da Universidade de Brasília.

(BRANCO; VALSINER, 2012; ROSA; VALSINER, 2018; ZITTOUN, 2019; VALSINER, 2014, 2021), referencial que vai balizar as nossas reflexões no presente trabalho.

Sob essa ótica, o desenvolvimento infantojuvenil se dá em meio a práticas sociais e pessoais que se manifestam em diversos ambientes: nas famílias, escolas e variadas agremiações, por exemplo. Esses ambientes fazem parte de um ecossistema cultural (XU; WU; LI, 2021) no qual cada um de nós se desenvolve. As práticas, as tarefas e a forma como as pessoas interagem nesses contextos são organizadas a partir de um conjunto simbólico que denominamos de crenças e valores. Estes se constituem em construtos psicológicos essenciais, de caráter afetivo-semiótico, e que orientam a ação humana (BRANCO, 2021). Ao nortear as percepções, os sentimentos, os pensamentos e as ações dos sujeitos, tornam-se elementos centrais no próprio processo decisório consciente (BRINKMANN, 2021; BRANCO, 2018, 2021; VALSINER, 2014, 2021). A principal diferença entre os dois construtos é que os valores são mais hipergeneralizados do que as crenças e profundamente enraizados na dimensão afetiva. Devido a esse enraizamento, tendem a ser mais resistentes à mudança, muito embora possam também ser objeto de transformação ou ressignificação (BRANCO, 2021; VALSINER, 2021).

As crenças e os valores são invisíveis por si só, mas orientam e são produzidos nas práticas, atividades e interações sociais (BRANCO, 2021). É por meio das ações e interações do dia a dia que podemos inferir quais são as crenças e os valores sociais que organizam e orientam a vida dos seres humanos em determinado ambiente do ecossistema cultural (BUDWIG, 2021; XU; WU; LI, 2021). Tomando isso em conta, dois aspectos relacionados à educação para a democracia ganham importância: 1) a efetiva análise das práticas realizadas em determinado ambiente para a inteligibilidade das crenças e dos valores

que as orientam; e 2) a introdução de novas práticas democráticas orientadas aos valores a serem promovidos.

No tocante à análise das práticas realizadas em determinado ambiente e que traduzem as crenças e os valores que as orientam, é necessário realizar estudos científicos que privilegiem a utilização de metodologias observacionais e participativas e um maior envolvimento dos pesquisadores com os ambientes, em complementação a instrumentos mais tradicionais, como os questionários e a autonarrativa (ARAÚJO; LOPES-DE-OLIVEIRA; ROSSATO, 2017).

No que diz respeito ao potencial de novas práticas democráticas orientadas pelos valores que desejamos promover, que é o objeto principal desta reflexão, podemos dizer que estas consistem na principal estratégia para a transformação cultural (ROSA; VALSINER, 2018; VALSINER, 2014, 2021; ZITTOUN, 2019). Para explicar esse processo de transformação, é necessário evidenciar a bidirecionalidade da construção cultural. De forma sintética, podemos indicar que as trocas simbólicas entre os sujeitos e as culturas dependem, entre outros, de três elementos fundamentais: 1) um conjunto pré-existente de símbolos que permitem operações linguísticas avançadas na produção, modificação e compartilhamento de significados em meio às práticas sociais (LOPES-DE-OLIVEIRA; FERNANDES, 2018); 2) processos interacionais intersubjetivos, de qualidade afetiva, que proporcionam a aprendizagem, a emergência de trocas, de operações simbólicas e da ação no mundo (BRANCO, 2018); 3) sujeitos com capacidades, funções e processos psicológicos avançados, tais como memória, pensamento, linguagem, agência, distanciamento, abstração, imaginação, emoções, entre outros (MARTIN; GILLESPIE, 2010). Esses elementos traduzem tanto a capacidade de as práticas sociais influenciarem o desenvolvimento de cada indivíduo quanto de os sujeitos alterarem as práticas coletivas. Então, essas condições devem ser valorizadas

por qualquer programa de educação democrática que pretenda ser bem-sucedido. Nesse contexto, a perspectiva sobre os ecossistemas culturais nos possibilita desenvolver um ponto de vista sobre como a cultura coletiva promove uma canalização dos processos de internalização (BRANCO, 2021), em cenários caracterizados por múltiplas possibilidades e perspectivas.

Diferentemente de outras abordagens teóricas, apesar de enfatizar a sociogênese das crenças e dos valores, a psicologia cultural igualmente valoriza a participação ativa e construtiva dos sujeitos e, assim, fornece um cenário teórico mais favorável à reflexão sobre como as práticas educacionais e a dinâmica dos posicionamentos individuais dos participantes de determinado ecossistema cultural podem transformar a realidade experimentada por esses sujeitos (ZITTOUN, 2021). Então, de acordo com essa lógica, é possível apontar para a necessidade primordial da criação de um ambiente dialógico que se contraponha às crenças da incapacidade e incompletude infantojuvenil, crenças essas que estão na base da invisibilidade dessa população e da sua suposta impotência para a desconstrução dos preconceitos.

O fenômeno da invisibilidade infantojuvenil é muito conhecido no campo da sociologia da educação (JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018; SARMENTO, 2005). Com o aumento da complexidade social e diante da exigência da formalização dos processos educativos, as crianças e os adolescentes foram sendo inseridos em ambientes cada vez mais estruturados e sob o controle dos adultos. Em um processo que já ocorre há centenas de anos, o alcance da voz das crianças e dos adolescentes foi sendo restringido pelas concepções e crenças de que as crianças e os adolescentes são incompletos. Um dos indicadores mais evidentes dessa invisibilidade é a diminuição da capacidade infantojuvenil de participação ativa ou de protagonismo na transformação

das práticas, crenças e valores sociais (PIRES; BRANCO, 2007, 2008; QVORTRUP, 2017). Nessa mesma direção, existem diversos estudos que indicam os possíveis efeitos prejudiciais da invisibilidade para o desenvolvimento infantojuvenil e que reduzem o avanço das práticas pedagógicas inovadoras (EVANS, 2019; SALTIEL; LAKEY 2020). Isso nos permite concluir que o protagonismo infantojuvenil, como valor fundamental, é necessário para promover práticas coletivas e pedagógicas que tomem em conta as vozes infantojuvenis nos seus ecossistemas culturais, servindo como estratégia para o enfrentamento a múltiplos problemas que têm a sua matriz geradora nas crenças e nos valores sociais preconceituosos.

Sob esse ponto de vista e dentro da estratégia de transformação cultural, o que seria protagonismo infantojuvenil? De acordo com o referencial teórico adotado e evidenciado em diversos estudos (CABRAL; DIAS, 2019; PIRES; BRANCO, 2007, 2008; SCHNEIDER; MARTINS; DA SILVA, 2021), protagonismo infantojuvenil pode ser compreendido como a participação social do sujeito a partir do resultado de crenças, valores e práticas sociais que promovem a autonomia e a capacidade de agência de crianças e adolescentes na construção, e em possíveis mudanças, das práticas sociais e pedagógicas dos ecossistemas culturais, por meio do compartilhamento de tarefas e responsabilidades com os adultos, segundo suas capacidades. Não é, portanto, a mesma definição que encontramos no senso comum para o papel de protagonista em sua conhecida versão como o principal ator de uma representação. Consiste, no entanto, na promoção da utilização do máximo potencial de cada sujeito para participar dos processos decisórios coletivos e para operar no mundo concreto a partir de novas práticas sociais que sejam orientadas pelos valores que desejamos promover. Sob esse ponto de vista, o protagonismo desempenha múltiplas funções no desenvolvimento da agência e do

aumento da consciência sobre as crenças e os valores coletivos e pessoais que orientam os processos decisórios de cada sujeito (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016; ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Por um lado, é uma estratégia promotora do aumento da experiência democrática; por outro, é o contexto para a atuação afetivo-semiótica dos sujeitos na desconstrução de crenças e valores coletivos que orientam práticas preconceituosas, o que vem sendo evidenciado em estudos recentes (SCHNEIDER; MARTINS; DA SILVA, 2021; GOUVÊA *et al.*, 2019). O indivíduo em desenvolvimento internaliza seletiva e criativamente a orientação social e externaliza ativamente suas construções afetivo-semióticas sobre o ambiente cultural (BRANCO, 2018, 2021), sendo constantemente alterado como resultado dessas atividades individuais.

De acordo com essa orientação para o protagonismo, as crianças e os adolescentes podem desenvolver, o mais cedo possível e através das práticas sociais e pedagógicas, agência e responsabilidade, o que permitiria a construção coletiva de crenças e valores pró-sociais ao tempo que conhecidas práticas relacionadas aos preconceitos relativos às questões de raça, de gênero e sociais são continuamente enfrentadas e paulatinamente desconstruídas a partir dos ambientes do ecossistema cultural. Tais práticas protagônicas, de empoderamento e de aumento da consciência infantojuvenil, teriam importante papel na transformação social e de crenças e valores que canalizam as atividades e as relações entre as pessoas, não só no ambiente escolar, mas também em todas as relações mantidas pelos sujeitos no dia a dia.

É possível, portanto, sustentar a expectativa e agir no sentido de promover o desenvolvimento de práticas pedagógico-sociais que estimulem a motivação, a agência, a autonomia, a autoestima de pertencimento e a capacidade de reflexão das crianças e dos adolescentes,

o que poderá gerar, então, impactos positivos nas relações e experiências de todos os sujeitos envolvidos, possibilitando a construção de uma sociedade mais democrática.

Referências

ARAÚJO, Cláudio M.; LOPES-DE-OLIVEIRA, Maria Cláudia S.; ROSSATO, Maristela. O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, p. 1-7, 2018.

BRANCO, Angela U. Values, education and human development: the major role of social interactions' quality within classroom cultural contexts. In: BRANCO, Angela U.; LOPES-DE-OLIVEIRA, Maria Cláudia, S. (eds.). **Alterity, Values, and Socialization**. Cham, Springer, p. 31-50, 2018.

BRANCO, Angela U. Hypergeneralized Affective-Semiotic Fields: The Generative Power of a Construct. In: WAGONER, Brady; DEMUTH, Carolin; CHRISTENSEN, BO, A. (eds.) **Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner**. Cham: Springer, 2021, p. 143-152.

BRANCO, Angela, U.; VALSINER, Jaan (eds.). **Cultural psychology of human values**. Charlotte: Information Age Publishing, 2012.

BRINKMANN, Svend. Rising up to Humanity: Towards a Cultural Psychology of Bildung. In: WAGONER, Brady; DEMUTH, Carolin; CHRISTENSEN, BO, A. (eds.) **Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner**. Cham: Springer, 2021, p. 29-36.

BUDWIG, Nancy. The Dynamics of Agency and Context in Human Development: Holism Revisited. In: WAGONER, Brady; DEMUTH, Carolin; CHRISTENSEN, BO, A. (eds.) **Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner**. Cham: Springer, 2021, p. 57-69.

Budwig, n. (2021). The dynamics of agency and context in human development: Holism revisited. In: B. Wagoner, C. Demuth & B.A. Christensen (eds.), *Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner* (pp. 57-69). Cham: Springer.

CABRAL, Fernanda M.; DIAS, Adelaide A. A criança nas i/ma (r) gens de infância: da (in) visibilidade ao protagonismo social. **Revista Teias**, v. 20, n. 56, p. 436-462, 2019.

EVANS, Keisha. The invisibility of black girls in education. **Relational Child & Youth Care Practice**, v. 32, n. 1, p. 77-90, 2019.

GOUVÊA, Maria Cristina S. et al. O protagonismo infantil no interior de movimentos sociais contemporâneos no Brasil. **Sociedade e Infâncias**, v. 3, p. 21-41, 2019.

JUNIOR, Dilton R. C.; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza M. B. Crianças e infâncias (im) possíveis na escola: dissidências em debate. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 9, p. 55-74, 2018.

LOPES-DE-OLIVEIRA, Maria Cláudia S.; FERNANDES, Ana Cláudia R. Ethics and Alterity: The Inclusion of Students with Disabilities in Higher Education. In: **Alterity, Values, and Socialization**. Cham: Springer, 2018, p. 103-130.

MARTIN, Jack; GILLESPIE, Alex. A neo-Meadian approach to human agency: Relating the social and the psychological in the ontogenesis of perspective-coordinating persons. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 44, n. 3, p. 252-272, 2010.

PIRES, Sergio F. S.; BRANCO, Angela U. Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais. **Paidéia**, v. 17, n. 38, p. 311-320, 2007.

PIRES, Sergio F. S.; BRANCO, Angela U. Cultura, self e autonomia: bases para o protagonismo infantil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 24, p. 415-421, 2008.

PIRES, Sergio F. S.; BRANCO, Angela U. Protagonismo infantil no contexto escolar: cultura, self e autonomia na construção da paz. In: BRANCO, Angela U.; LOPES-DE-OLIVEIRA, Maria Cláudia S. (eds.). **Diversidade e cultura da paz na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 347-370.

QVORTRUP, Jens. Macroanalysis of childhood. Research with children: **Perspectives and practices**, New York: Routledge, 2000, p. 77-97.

ROSA, Alberto; VALSINER, Jaan (eds.). **The Cambridge handbook of sociocultural psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SALTIEL, David; LAKEY, Rebecca. Analysing invisibility: The decision-making ecology and home visits. **Child & Family Social Work**, v. 25, n. 1, p. 37-44, 2020.

SCHNEIDER, Mariângela C.; MARTINS, Silvana N.; DA SILVA, Jacqueline S. Protagonismo Infantil na prática: O ensino desenvolvido com a participação dos estudantes na Educação Básica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2021.

VALSINER, Jaan. **An invitation to cultural psychology**. London: Sage, 2014.

VALSINER, Jaan. GENERAL HUMAN PSYCHOLOGY. Cham: Springer Nature, 2021.

XU, Shuangshuang; WU, Aruna; LI, Xiaowen. Jaan Valsiner, a Keen Perceiver and Creator of Cultural Ecology. In: WAGONER, Brady; DEMUTH, Carolin; CHRISTENSEN, BO, A. (eds.). **Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner**. Cham: Springer, 2021, p. 327-335.

ZITTOUN, Tania. Sociocultural psychology on the regional scale: A case study of a hill. Cham: Springer Nature, 2019.

ZITTOUN, Tania. Forever Feeding Forward. In: WAGONER, Brady; DEMUTH, Carolin; CHRISTENSEN, BO, A. (eds.). **Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner**. Cham: Springer, 2021, p. 77-86.

ZITTOUN, Tania; GILLESPIE, Alex. **Imagination in human and cultural development**. London: Routledge, 2016.

ZITTOUN, Tania.; VALSINER, Jaan. Imagining the past and remembering the future: How the unreal defines the real. **Making of the future: The trajectory equifinality approach in cultural psychology**, Charlotte: Information Age Publishing, 2016, p. 3-19.